

Preservação do patrimônio x interdisciplinaridade: o desafio da ciência ante a queda de fronteiras, a globalização

Mércia Carréra de Medeiros¹ - merciacarrera@hotmail.com

Resumo

Reflexão sobre o significado, em termos culturais, do fenômeno de globalização, levando à queda de fronteiras, à uniformização e padronização das sociedades, nos mais variados aspectos, ao pensamento único. Uma uniformização que coloca em risco o patrimônio cultural local, regional e nacional, em detrimento de uma cultura mundial, com o propósito de criar uma civilização planetária única, ocidentalizada. O Brasil possui um rico patrimônio histórico-arquitetônico, que precisa ser bem cuidado e preservado. As obras edificadas no passado constituem um legado fundamental para a manutenção de identidade nacional. Conhecer e preservar este patrimônio é um instrumento para garantir a identidade cultural e a memória coletiva de um povo. Diferentes ciências estão envolvidas na preservação deste patrimônio: Arqueologia, História, Antropologia, Arquitetura, dentre outras.

Palavras-chave: Globalização, Arquitetura, Patrimônio, Interdisciplinaridade.

Abstract

Considerations on the meaning of the phenomenon of globalization in cultural aspects leading to the downfall of borders, the unification and standardization of companies and the danger of forming a single thought. Uniformity that threatens the local cultural heritage both in regional and national levels, to the detriment of a global culture, with the purpose of creating a single global westernized civilization standard. Having a rich architectural heritage Brazil needs to maintain and preserve it. The works are built on the legacy of its past which is vital for maintaining national identity. Knowing and preserving this heritage is actually a tool to ensure the cultural identity and collective memory of a nation. Different sciences are involved in preserving this heritage such as: Archaeology, History, Anthropology and Architecture, among others.

Key-word: Globalization, Architecture, Heritage, Interdisciplinarity

Introdução

Refletir sobre o desafio da ciência ante a queda de fronteiras leva-nos a olhar as ciências no âmbito interdisciplinar. Não podemos entender essa queda de fronteiras sem considerar o quanto as ciências se completam e se fortalecem a partir do momento em que o pesquisador

¹ Coordenadora e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã - Fadic e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Flup - PORTUGAL).

abre os seus horizontes de interpretação. A interdisciplinaridade tem como desafio considerar as diferenças como parte integrante das ciências como um todo.

A manifestação mais evidente desta queda de fronteiras é o fenômeno de globalização cultural, indicando claramente o propósito de padronização do mundo, conduzindo ao pensamento único, à uniformização de valores, atitudes, comportamentos, produtos, estilos de vida, espaços urbanos, às sociedades supostamente planetárias, informadas e mediatizadas, conduzidas, no momento, pelos ideais e estilo de vida de apenas uma delas, como se as demais, estivessem anestesiadas.

A globalização embute conceitos que se confundem com as ideias que a fundamentam, como ocidentalização que se iniciou com o processo de europeização do mundo, no século XVI. Tal homogeneização cultural põe em risco a identidade e o simbolismo do patrimônio cultural local, regional e nacional, misturando-os, ou mesmo lhes superpondo concepções e valores de uma cultura mundial, decretando a morte da tradição, provocando segregações e frustrações sociais e graves conflitos entre classes sociais e entre o local e o universal.

No campo da arquitetura, alguns princípios ou valores permanecem os mesmos, como o da relação do espaço, vez que são universais. Mas, em contrapartida, alguns aspectos sofreram modificações, como o estilo ou o ajuste às condições climáticas próprias de um lugar. Para o arquiteto produzir é necessário estar presente, ter raízes em algum lugar, ter uma identidade cultural.

A globalização é um processo constante e irreversível; portanto, para uma adaptação mais racional das medidas de integração entre as culturas é necessário um plano inicial que respeite as características peculiares de cada região, inclusive no que diz respeito ao ambiente construído, onde claramente percebemos a perda gradual da identidade regional.

A realidade é que a globalização tornou o mundo um lugar muito pequeno, onde o encontro das culturas, tecnologias, ideias e produtos criou uma nova civilização. A civilização planetária, mais rápida, mais simultânea, mais competitiva. A globalização hoje se resume na grande empresa internacional que chega e se apropria de um lugar, impondo seus valores.

Os símbolos naturais e a arquitetura local passam a ser substituídos por padrões ditados pela ordem internacional. A semiótica dos espaços construídos fica então intimamente ligada à problemática da identidade cultural de determinado espaço.

O conceito de modernidade passa pela ideia de um modelo internacional de arquitetura e propaganda visual, tão comum aos diversos pontos do planeta, o que de certa forma tem permitido uma perda gradual do conceito de qualidade de vida e cultura.

Sem dúvida a melhor forma de aprendizagem é aquela que não é imposta, o conhecimento se incorpora de forma até mesmo lúdica no dia a dia. Tudo se torna mais fácil quando somos motivados, de maneira sutil, a nos interessar em aprender sobre um determinado tema. A curiosidade estimula a busca do desconhecido. É preciso provocar, incentivar, criar motivações para acordar e alertar para o prazer do saber; esse sem dúvida será sempre o melhor caminho para proporcionar uma cultura apetecível a todos. Desta maneira, devemos levar em consideração a interdisciplinaridade, não só como uma forma de aprendizagem, mas também nas nossas interpretações e pesquisas.

Apesar do Brasil ser um país jovem, possui um acervo histórico inestimável que precisa ser mais bem cuidado, preservado e, sobretudo, exaltado. Diante desta realidade, e motivados por um sentimento de paixão pela arquitetura e pelo patrimônio construído iniciamos uma trajetória em busca de um saber que pudesse contribuir para a compreensão desses espaços, fortalecendo ainda mais a nossa visão da importância do conhecimento desse patrimônio construído, formador de espaços arquitetônicos individuais ou compondo um conjunto de edificações.

Com certeza, defender a ideia de preservação e conservação do patrimônio seria uma forma de não ficarmos presos a uma mesmice arquitetônica a que estamos sendo levados a partir desse fenômeno tão forte que é a globalização. Isto de nenhum modo significa que a sociedade da informação não traga benefícios e, sim, que nós, profissionais de criação, temos que estar conscientes sobre até que ponto podemos ser influenciados, para evitar a tentação de imitar sempre o que vem de fora, o que significaria a perda de nossa cultura local em nome de um sistema internacionalizado.

Arquitetura - História - Arqueologia – Turismo - Patrimônio

Ao falar de interdisciplinaridade significa nas experiências vivenciadas, caminhar por meio de diversas ciências que vêm complementando e somando na construção pessoal e profissional.

O conhecimento como arquiteta, adquirido no curso de graduação não era suficiente para responder aos questionamentos, muito menos para sanar as inquietudes. Havia o prazer em

projetar, em criar novos espaços para diferentes pessoas, com diversas situações financeiras e culturais. Um mundo de diversidades, muito estimulante para seguir tentando compreender o ser humano diante dos seus desejos e criando espaços que possam lhe proporcionar uma qualidade de vida. No entanto, o passado, representado pelo patrimônio arquitetônico, também encantava não só pelo seu caráter estético e artístico, mas principalmente pelo seu significado como legado histórico. Conhecer os aspectos históricos e culturais imbricados ao patrimônio arquitetônico traria uma maior compreensão do valor ou significado simbólico que lhe possa ser atribuído. As obras edificadas no passado compreendidas como um produto cultural das sociedades ao longo dos tempos, constituem um suporte importante para a formação e manutenção das identidades. Através desse novo olhar, trabalhamos por diferentes caminhos em busca de conhecimentos que ajudassem a desvendar os mistérios impregnados no patrimônio. Começamos a trilhar pela história, arqueologia, turismo, antropologia, arquitetura, uma infinidade de ciências que hoje têm feito parte das nossas leituras.

A grande mudança que surgiu durante este processo de busca de entendimento do passado foi exatamente perceber que o patrimônio construído, não só o pretérito como também o do presente, faz parte da nossa identidade e memória cultural. Deste modo, temos a obrigação de protegê-lo, preservá-lo e conservá-lo, papel que cabe não apenas ao investigador, mas também aos cidadãos. O espaço construído não deve ter limite cronológico ou tipológico. Deve, sim, ser compreendido e identificado como único e insubstituível e detentor do mesmo status de um documento da nossa história política, econômica e sobretudo social. Portanto, merecedor de um olhar especial e um tratamento de real valorização.

Sobre o real significado do Patrimônio, podemos dizer: “é viajar no tempo passado ou presente, é respirar, é sentir, é sonhar, é conceber, é refletir, é compreender, é planejar, é questionar, é buscar, é fazer, é criar, é realizar... por que não dizer também: é o maravilhoso caminho que se pode escolher para viver”.

Dentro desse espírito de arquiteta sonhadora, acreditamos que tudo que fazemos por prazer nos levará a uma satisfação particular e que os obstáculos encontrados serão apenas degraus para crescermos em todos os sentidos, ou seja, espiritualmente, intelectualmente, afetivamente... E assim estaremos num processo de aprendizagem baseada em princípios que nortearam a busca do saber de forma prazerosa sem conflitos e muito menos por obrigação.

Os espaços arquitetônicos, sejam privados ou públicos, carregam, desde a sua concepção, não

só a criatividade do arquiteto, mas principalmente os desejos , os sonhos de quem usufruirá da obra. Ao projetar, o arquiteto consegue marcar o tempo criando espaços que representam o momento em que foram construídos, através dos materiais, da técnica construtiva, do estilo e daquilo a que se destina.

O patrimônio construído brasileiro é composto por uma arquitetura representada desde o Maneirismo, passando pelo Barroco Colonial, pelo Neoclássico, pelo Ecletismo, a Arte Nouveau, a Arte Decó, o Neogótico, o Modernismo, chegando ao Pós-Modernismo. Existe um acervo considerável ainda a ser pesquisado e entregue à sociedade com o seu devido valor.

O conceito do que é patrimônio cultural tem sofrido uma evolução contínua. A própria Constituição Federal em vigor (BRASIL,1988) adota uma definição mais abrangente, reconhecendo o patrimônio cultural como a memória e o modo de vida da sociedade brasileira, privilegiando os elementos materiais e imateriais .

O patrimônio cultural e ambiental é o conjunto dos elementos históricos, arquitetônicos, ambientais, paleontológicos, arqueológicos, ecológicos , para os quais se reconhecem valores que identificam e perpetuam a memória e referências do modo de vida social, em determinada época e lugar.

De acordo com Ataíde (1997), preservar o patrimônio cultural é uma obrigação de todos; por meio da preservação, estamos protegendo a identidade cultural e a memória de um povo. Atualmente, a preservação do patrimônio cultural nacional ultrapassa os limites da história e da memória, e começa a desempenhar um importante papel, do ponto de vista econômico e social. Assim, investigar os processos inerentes à preservação cultural para compreender seu real significado e implicações históricas e sociais equivale não apenas a revelar suas características culturais, mas, principalmente, a analisar as possibilidades de desenvolver um leque de atividades econômicas dos núcleos urbanos possuidores daquele acervo cultural.

Segundo Simão (2001), o conhecimento da história, o entendimento dos significados dos lugares e a sua correta interpretação contribuem para a garantia da preservação do patrimônio local. Desta maneira, podemos entender que a preservação do patrimônio cultural não constitui um fim em si mesmo, mas um instrumento que possibilita a garantia do direito à memória individual e coletiva, elementos fundamentais do exercício da cidadania.

Lemos (1982) defende a ideia de que a base correta de como preservar está na elucidação popular, na educação sistemática que se propaga em toda a sociedade, dirigentes e dirigidos, no empenho maior na salvaguarda de bens culturais. Com base nesta afirmação, devemos possibilitar o conhecimento e o reconhecimento do que é importante para os vários grupos que compõem uma sociedade, tornando-os sujeitos participativos e decisivos na ação de proteger e escolher seus bens patrimoniais.

O turismo cultural com base no patrimônio é uma maneira de gerar recursos para muitas regiões nas quais os bens culturais são a única riqueza. Muitas vezes, a ignorância e o não aproveitamento desses bens têm levado à destruição física, causada tanto pela exploração imobiliária desordenada como pelo vandalismo (SCATAMACCHIA, 2005, p.12).

Tomando o patrimônio construído como bandeira de luta e, por meio dele estudar o tema que tem sido a mola propulsora do prazer do saber: o espaço; identificar os espaços; compreender os espaços em sua amplitude; fazer uma leitura desses espaços de acordo com o seu tempo histórico.

Nesta trajetória, procuramos colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas outras ciências e, de maneira mais prática e objetiva, na Arqueologia, que deu um grande respaldo para responder às dúvidas que surgiam não só no campo da construção (técnicas e materiais construtivos), como também para entender o momento histórico.

A arqueologia é antes de mais nada uma ciência social, que visa, a partir da análise das materialidades que nos rodeiam, contribuir para o conhecimento da história da nossa espécie. Nesse sentido, há muito que ela abandonou a sua matriz inicial de “estudo de antiguidades” para assumir, como âmbito da sua actividade, a totalidade do espaço planetário e do tempo histórico, até a actualidade. Há uma arqueologia pré-histórica, como existe, por exemplo, uma arqueologia contemporânea (JORGE, 2000, p.11).

A ciência arqueológica tem contribuído de maneira imprescindível na comprovação da riqueza do nosso patrimônio, que infelizmente tem sido vítima do descaso, do abandono, da falta de uma política de preservação. Não só para proteger, mas sobretudo para inserir este patrimônio dentro de uma gestão urbana que potencialize a sua vitalidade por meio da busca de alternativas de atividades econômicas adequadas, pois é doloroso, e deveras preocupante, a situação que vem ocorrendo no Brasil.

Com certeza, a Arqueologia, entre outras ciências, cumpre o seu papel de aliada desta luta em preservar e por que preservar. Os conhecimentos dos vestígios materiais remanescentes só

poderiam ser obtidos através da Arqueologia, ciência capaz de produzir interpretações da realidade, a partir dos restos da cultura material que são encontradas no ambiente.

Os artefatos, abrigos, as estruturas edificadas e todo o contexto construído pelo homem constituem o que denominamos cultura material. A sua análise permite compreender as conquistas e mudanças que o homem realizou ao longo do tempo em relação à inovação tecnológica e à apropriação da natureza, bem como no tocante às interferências na paisagem.

As ruínas, evidências arqueológicas, são valiosas, porém frágeis e, uma vez destruídas jamais poderão ser substituídas. Os sítios arqueológicos são uma parte importante da herança cultural de uma região e de um país, sendo muitas vezes de interesse mundial. Portanto, o tombamento do acervo é importante porque impede que as construções antigas sejam substituídas ou modificadas, paralisando o processo de destruição das preciosas construções e preservando a memória da cidade ou do campo. Um dos meios mais eficazes de proteção e conservação do patrimônio cultural é, sem dúvida, o tombamento.

A importância da pesquisa arqueológica no processo de proteção do patrimônio é fundamental, não apenas em relação ao patrimônio que se apresenta com possibilidade de intervenção restaurativa, como também ao patrimônio na categoria de ruína, que já não apresenta condições de ser restaurado, mas possui uma riqueza vestigial merecedora de preservação e conservação. É preciso preservar, mesmo que estas ruínas se encontrem em um estado de deterioração avançado seja por conta do intemperismo, pela vegetação ou mesmo pela ação humana, que o desvaloriza e danifica. Em outras palavras, as ruínas não deixam de representar um documento testemunhal da história da sociedade a que pertenceram.

Vivemos em um país em que o descaso pelo patrimônio histórico-cultural e a destruição de vestígios do passado se apresenta de maneira lamentável. Talvez por desconhecer o valor deste material, pois qualquer vestígio evidenciado deve ser considerado como fonte de informação, quando sua própria existência é a prova mais significativa de sua importância para o resgate da memória. Preservar estes vestígios é, acima de tudo, uma obrigação e um compromisso com o passado; com a história e a memória que este patrimônio sabiamente armazenou ao longo do tempo.

A consciência em preservar o patrimônio histórico e cultural contribuirá para que as gerações futuras usufruam desta herança cultural e, por meio destes testemunhos, possam compreender o processo de desenvolvimento da identidade nacional.

A nossa história, durante estes quinhentos anos, é cheia de lacunas. Não conseguimos ainda escrevê-la por completo, dada a escassez de documentos e de pesquisas sérias. No entanto, a Arquitetura também é um documento da nossa história que, ao ser pesquisada, poderá contribuir com informações relevantes sobre o contexto histórico em que está inserida.

Ela marca a cidade, a memória e a psicologia de quem nela vive. A Arquitetura, antes mesmo de se prestar a um determinado fim, que seria o de abrigo das atividades realizadas pelo homem, é também depósito de fantasias e imaginações. Os edifícios não vivem somente por aquilo que têm de visível, de físico, mas também pelas reflexões sobre a memória de gerações e pessoas. E é exatamente esse cenário arquitetônico, que aguça a curiosidade de entender e ir à procura do conhecimento de um passado e do presente da sociedade representada pelo seu patrimônio construído.

Considerações

O patrimônio natural e cultural representa um grande problema para as nações e comunidades contemporâneas: como protegê-lo, restaurá-lo, preservá-lo e transmiti-lo às gerações futuras, diante da explosão avassaladora de uma cultura globalizada, pós-moderna, que elegeu a padronização, a efemeridade como elementos fundamentais de sua dinâmica.

A globalização desenraiza, além de multiplicar e sobrepor os espaços e os tempos, convertendo o momento presente num instante, sem ancoragem no passado nem projeção no futuro. E, contudo, nenhum lugar pode almejar construir um significado próprio através do seu patrimônio sem considerar tudo aquilo que ocorre no horizonte mais lato à sua volta. Como, de resto, nenhuma força globalizadora está imune às influências específicas locais pelas quais perpassa e que lhe alteram a forma, a direção e a intensidade.

Entre o processo de globalização e os processos de patrimonialização emerge um patrimônio urbano que se afirma como um ativo econômico, como um ativo cultural e como um ativo político. Este valor multifacetado do patrimônio urbano é revelador de como, num quadro de concorrência crescente entre lugares, ele adquiriu uma importância verdadeiramente estratégica.

Ao apostar no patrimônio não se está só favorecendo a preservação da cultura; está-se, sobretudo, estimulando a criação e a inovação cultural. O patrimônio nos remete para as raízes e para um território, real ou imaginário. Através dele, o passado é posto a serviço do futuro. O patrimônio prende-nos a um espaço e a um tempo, permite-nos pensar o presente em relação ao que já passou e ao que há de vir, e, nesse sentido, confere um significado próprio ao que ocorre num lugar específico.

A eliminação de lugares e edifícios significativos constitui uma ameaça à manutenção dos valores locais não globalizados, levando à perda de referências, de identidade, de pertencimento.

A tendência à homogeneização e padronização conduz ao desenraizamento das coisas, das gentes e das ideias (IANNI, 1992), pondo em risco a identidade e o simbolismo do patrimônio cultural local.

No entanto, na arquitetura, o trabalho em escala mundial poderá beneficiar a todos, se houver realmente troca de experiências e informações entre profissionais de distintos países, ou seja, se houver diálogo e coparticipação.

Os arquitetos para se sentirem mais bem preparados profissionalmente, devem crescer intelectual e tecnicamente. Desta maneira, em lugar de lamentar a chamada invasão estrangeira, é preciso ter autocrítica e preparar-se, fortalecer-se e reciclar-se. O arquiteto deveria utilizar uma lente bifocal, que lhe permita olhar à distância e de perto, ao mesmo tempo. Abrir os olhos para o mundo, não no sentido de copiá-lo, mas para traduzí-lo e reinterpretá-lo de acordo com as circunstâncias e condições locais.

Referências Bibliográficas

ATAÍDE, Jézus Marco. **Cuidando do patrimônio cultural**. Goiânia: UCG, 1997.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JORGE, Vitor Oliveira. **Arqueologia, patrimônio e cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. **Turismo e arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005. – (Coleção ABC do turismo)

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.